

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda Chacrinha

código
AIII - F22 - Val

localização
Rodovia RJ-145 (entre Valença e Barra do Piraí)

município
Valença

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária de leite e corte, criação de cavalos Manga larga e fabricação de cachaça / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



vista da fachada lateral

coordenador / data **Sônia Mautone Rachid - abr 2009**
equipe **Marcos Vinícius Silva Gomes (AutoCad) e José Roberto Mendes Ribeiro (levantamento de campo)**
histórico **Adriano Novaes**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

A partir de Valença, no sentido de Barra do Piraí, pela rodovia RJ-145, após o bairro de Chacrinha, acessar a estrada de terra, com trechos de difícil acesso, percorrendo cerca de 6km até a entrada da fazenda, delimitada por um portão de ferro com pilares de alvenaria (f01). Seguindo dentro da propriedade por mais 1km, chega-se à sede, com muitos bambuzais sombreando o caminho, o que mantém o piso alagadiço nos meses de chuva. Nesse percurso estão distribuídos currais, casas de colono e uma escola.

A estrada se subdivide, de um lado, indo para as instalações referentes à pecuária de leite, com os grandes currais, depósitos e estrutura de escritórios (f02) e, do outro, seguindo para a casa-sede, onde avista-se o rio que contorna a propriedade, a antiga casa de colono, a baia, o alambique e o grande arvoredado que emoldura o casarão. Este está situado num vale que se insere junto a uma vasta área de mata atlântica remanescente, com vários lagos ao redor (f03).

Um portão de ferro fundido, com colunas almofadadas encimadas por luminárias e compoteiras, demarca a entrada às áreas nobres da propriedade. Sobre o rio das Flores há uma ponte com base sólida, em estrutura de pedra e guarda-corpo de ferro e, além desta, cerca de madeira definindo as outras áreas da fazenda (f04). Ultrapassando a ponte vê-se, sobre um talude, os fundos da casa de hóspedes, o alambique (f05) e mais adiante, à esquerda, a baia. O piso de paralelepípedo segue serpenteando entre canteiros de helicônias e antúrios até a casa-sede, com uma frondosa arborização, de ornamentais, mangueiras e jabuticabeiras – a fazenda registra mais de 150 pés destas – e, salpicadas entre a vegetação exuberante, muitas palmeiras da espécie Juçara, que está em extinção. A mata da propriedade é totalmente preservada, mantendo rica fauna, sobretudo aves e animais silvestres.



01



02



03



04



05

Antecedendo a casa-sede há um outro gradil de ferro fundido, datado de 1895 (f06), com portão de duas folhas com base almofadada e acabamento em lanças, que é seguro por pilares com volutas encimados com compoteiras. Seguindo sobre a robusta murada de pedra, a grade intercala pilaretes encimados por compoteiras (f07). O jardim guarnecido por esse gradil estende-se em declive, paralelo ao grande muro, e apresenta escadaria acompanhando as antigas canaletas de pedra, que conduzem a água por um aqueduto, no sentido do alambique, passando nos fundos da casa de hóspedes (f08). Fronteiro à fachada lateral direita, um vasto gramado volta-se também à piscina e ao salão para lazer (f09).

No jardim, altivas palmeiras imperiais, frondosos eucaliptos, mussaendras, almandas e buganvíles, além de várias espécies de palmeiras.



06



07



08



09

Ultrapassando o portão, um caminho ensaibrado contorna a jardineira alteada em pedra – com pequena fonte sob um frondoso pau brasil – e seu jardim mantém gramado, árvores e ornamentais, como moréia, plumbago e ixoras que, junto à beleza das cycas, nolinhas e bromélias imperiais, compõem o cenário da acolhedora varanda da fachada frontal (f10).

A alameda de saibro segue junto à casa revelando seu formato em “U”, com um jardim gramado e uma fonte central, retangular, abaixo do nível do solo, cercada de murta, hibiscus, azaléias, magnólias e jasmims. A garagem localiza-se à esquerda, na parte da edificação encostada ao barranco e, sobre este, a antiga caixa d’água que ainda serve à casa e aos serviços gerais. Na sequência, um lago e, mais adiante, sobre um morrote, rancho e orquidário desativados. O casarão termina, aos fundos, com o alpendre da porta da cozinha e a escada de acesso ao gramado da piscina (f11).



10



11

O casarão mantém embasamento de pedra, possuindo porão habitável com cerca de 30% da área de seu andar nobre. Na fachada principal, térrea, uma varanda de feitura recente mantém galeria com sete altos vãos em verga reta (mais um em cada lateral), com cercaduras e sobre vergas em madeira, que estão distribuídos nos interstícios das pilastras almofadadas, cujo entablamento apresenta cornija e friso tinto em verde, suportando o beiral em cimalha (f12 e f13).

A casa-sede, entretanto, somente revela toda sua originalidade, altivez e majestosa composição na fachada lateral direita, voltada para o grande vale. Por essa perspectiva tem-se a visão de uma extensa massa edificada – com dois pavimentos –, marcada pela simetria e pelo ritmo das esquadrias, somente quebrada pela presença espúria, no extremo esquerdo, do vão lateral em verga reta correspondente à galeria voltada à fachada principal (construída *a posteriori*) e pela empena de seu embasamento. Seus vãos – com vergas retas no térreo e de arco pleno, no segundo pavimento – conferem sobriedade e beleza ao palacete, tão ao gosto do neoclássico de viés rural, que representou o ápice formal das fazendas de café no vale (f14).

Essa fachada apresenta moldura saliente, que separa os pavimentos, e pilastras com base almofadada e arremate por cornijas, delimitando três panos de composição: o central com cinco vãos e os laterais com quatro, cada. As 13 janelas do pavimento superior são destinadas a quartos, banheiros e sala de jantar. Conferindo essa modulação, o porão reserva as duas janelas dos extremos para as suítes e as demais para o salão. Observa-se que o grande corpo do casarão sofre descontinuidade – hoje ocultada pelo arvoredo – com a construção recuada do bloco de serviços, à direita.



12



13



14

Fronteiro a esta fachada lateral direita, em seu eixo de simetria, destaca-se o chafariz de 1850, em cantaria (f15) e, seguindo seu alinhamento, escadaria em pedra que leva ao vão central de acesso, com folhas externas em caixilhos de vidro e bandeira fixa, além de folhas internas em madeira almofadada que, mantendo maiores dimensões e arco pleno, vedam as bandeiras externas quando fechadas (f16).

Na entrada principal, as portas central e direita são do amplo vestíbulo, com quarto na lateral. Já a da esquerda nasce na sala de visitas (f17), e o corredor que se segue dá acesso aos banheiros (f18) e suítes, à direita, chegando à sala íntima (f19) e ao *hall* de transição (f20) que mantém escada para o porão e acesso



15



16



17



18



19



20

para a sala de jantar (f21) e para a circulação (f22) que leva a uma suíte, no final. O espaço iluminado da copa (f23) tem ligação com duas suítes e, seguindo o *hall*, chega-se a lavabo, quarto de rouparia e cozinha (f24). A fachada em forma de “U”, na lateral esquerda, voltada para a fonte, recebe as janelas da sala-de-estar, banheiros, circulação, quarto e acesso para a sala-de-jantar (f25). O porão, além da escada interna em madeira com guarda-corpo torneado (f26), tem acesso por três portas voltadas para a fachada lateral direita (f27 e 28).



21



22



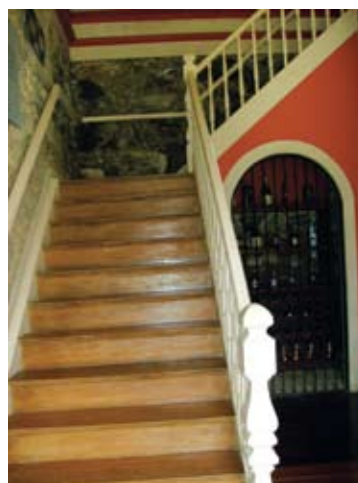
23



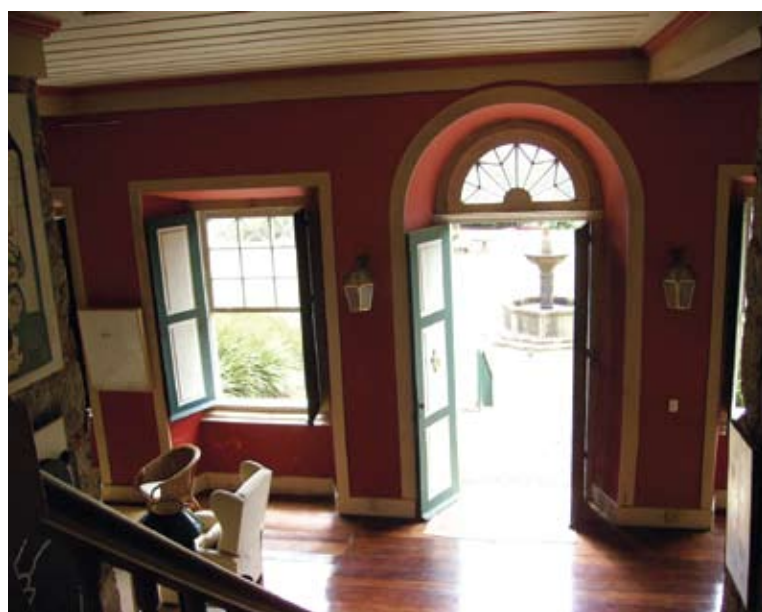
25



24



26



27



28

A principal – em arco pleno e já descrita – recebe enquadramento reto encimando cartela em massa datada de 1881 (f29) e é acompanhada por outras duas portas em verga reta com sobreverga em massa, de facção mais simples, assim como as janelas de guilhotina em caixilhos de vidro com folhas cegas internas. O salão que ali hoje se desenvolve é um espaço voltado ao lazer, revelando a antiga parede de arrimo em pedra (f30) e tendo, sob a escada, uma adega e em cada extremidade duas suítes (f31). Revestem-no, forro em saia e camisa e assoalho em tabuado de madeira corrida, com paredes pintadas com tonalidade quente.

O forro do casarão é de saia e camisa, pintado em branco, sendo que o friso decorativo de cada cômodo recebe uma cor distinta, relativa à pintura das paredes, que tem tons de rosa, amarelo, azul, pêssego e palha, assim como o rodapé de madeira que vai do branco ao verde, passando pelo azul, vermelho e envernizado. As portas internas, em arco pleno com bandeiras de vidro, folhas cegas e almofadadas, recebem o mesmo tratamento de pintura, acompanhando a decoração de cada ambiente.

O assoalho apresenta o luxo e a nobreza do pinho de riga, chegando a ter tábuas inteiriças de 10m de comprimento. Na varanda (f32), copa e quarto de rouparia, o piso é em ladrilho hidráulico, mantendo a cozinha – com forro de treliça e meia parede de azulejos – e o alpendre, ladrilhos cerâmicos.

A casa, com arcabouço autônomo de madeira de seção quadrada (pilares, frechais, madres e barrotes) que forma uma gaiola estrutural, mantém vedação das estruturas em alvenaria de pau-a-pique e de tijolos maciços e furados. As paredes do casarão são brancas, assim como os cunhais em massa. Uma calçada em pedra contorna toda a edificação, que recebe cobertura de telhas capa e bica com telhado de elevado ponto.

A casa de hóspedes (f33) era uma antiga construção que foi adaptada e conjuga duas casas eretas sobre baldrame de pedra. Apresenta alvenaria de tijolo maciço, cobertura por telhas capa e bica, assoalho de taco, forro de cedrinho e banheiros com piso cerâmico e paredes azulejadas.



29



30



31



32



33

As esquadrias frontais são de madeira, em verga reta, com duas folhas cegas, sendo que as dos fundos são de caixilhos de vidro e veneziana, possuindo, internamente, postigos (f34). Mantém sala de estar, jantar, quarto, suíte, banheiro e dependências de serviço. Sob a construção, garagem (f35) e, compondo o fechamento da fachada dos fundos, um maciço aqueduto de pedra que conduz a água para o alambique, atravessando o caminho entre as edificações por estrutura aérea de madeira e folhas de zinco (f36).

O antigo alambique, de estrutura mista de pau-a-pique e abobe, com cobertura em telhas de capa e bica, mantém a roda d'água funcionando e produzindo cachaça (f37). A produção é abastecida pelo extenso canavial, existente nos morros tipo meia laranja, típicos da região. A grande área cimentada ao lado deste foi local de outras edificações (f38). A baia para acomodação dos cavalos manga larga (f39 e f40), com paredes de alvenaria e piso em paralelos,



34



35



36



37



38

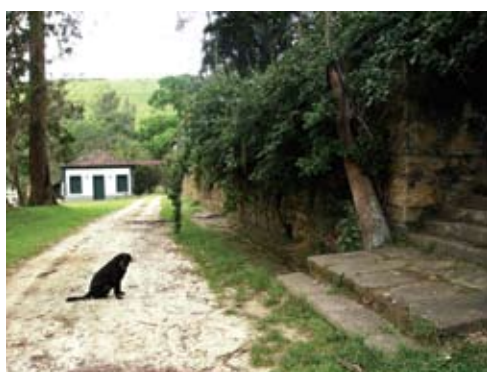
possui, nos fundos, áreas de picadeiro para os animais. A estrada que passa entre a casa de hóspedes e o alambique (f41 e f42) segue junto ao um muro de pedra, arrimo do jardim da piscina, com acesso por escada para essa ampla área aberta de lazer.

O pavilhão de jogos é construção recente (f43), comportando sauna, bar, sala de repouso, banheiros e *home theater*, e mantendo piso cerâmico, forro saia e camisa, esquadrias em madeira com verga reta e paredes internas pintadas em amarelo (f44).

As construções para a pecuária de leite e de corte têm os caminhos do entorno pavimentados com paralelos. São de alvenaria com cobertura de telhas de cerâmica, em capa e bica, abrigando um complexo de currais, ordenha e escritório (f45).



41



42



43



44



45

O casarão, muito bem conservado, recebeu reformas em 1985, quando sua fachada frontal foi modificada, criando a ampla varanda com vãos retangulares vazados (f46). Alguns quartos tiveram suas áreas reduzidas, com o acréscimo de banheiros, conjugando a antiga alvenaria de pau-a-pique ao tijolo furado. Um dos quartos, junto à sala-de-jantar, teve substituído um grande banheiro e, complementando a reforma, foi construída a garagem e o pavilhão de jogos.

O porão, de pé direito altíssimo, também recebeu intervenção, tendo sido transformado em espaço acolhedor e habitável. Para facilitar seu acesso, está sendo cavado um poço para a instalação de elevador (f47), onde foram encontradas evidências de uma antiga escada. Neste local a iconografia antiga comprova a existência de uma porta e outra na parede perpendicular (f48). Podemos observar que atualmente um dos vãos foi transformado em janela.



Fazenda Chacrinha, por ocasião das obras de reforma em 1985 (foto s/a, acervo Coleção Helenice França Leite)

46



47



Panorâmica da Fazenda Chacrinha
(foto de Marc Ferrez, s/d, acervo Coleção Gilberto Ferrez, IMS)

48

A cobertura, bem estruturada, apresenta pequenos danos no telhado do bloco de serviços (f49). A cimalha e as esquadrias estão íntegras. Nas paredes externas nota-se, em alguns pontos, a presença de sujidade e infiltração ascendente no embasamento da sede (f50), assim como no estacionamento (f51). Internamente, apenas num local do porão a infiltração danifica o rodapé e o caixonete da janela (f52). Interiormente, assoalho, paredes e esquadrias não demonstram nenhum tipo de patologia. Nos forros há pontuais e raros comprometimentos por infiltração descendente (f53) e, naquele do vestibulo, visível flambagem do madeiramento. Nota-se ainda uma constante sujidade por mofo, produzida pela falta de maior ventilação nos cômodos que, pelas dimensões da casa-sede, ficam muito tempo fechados (f54 e f55).



49



50



51



52



53

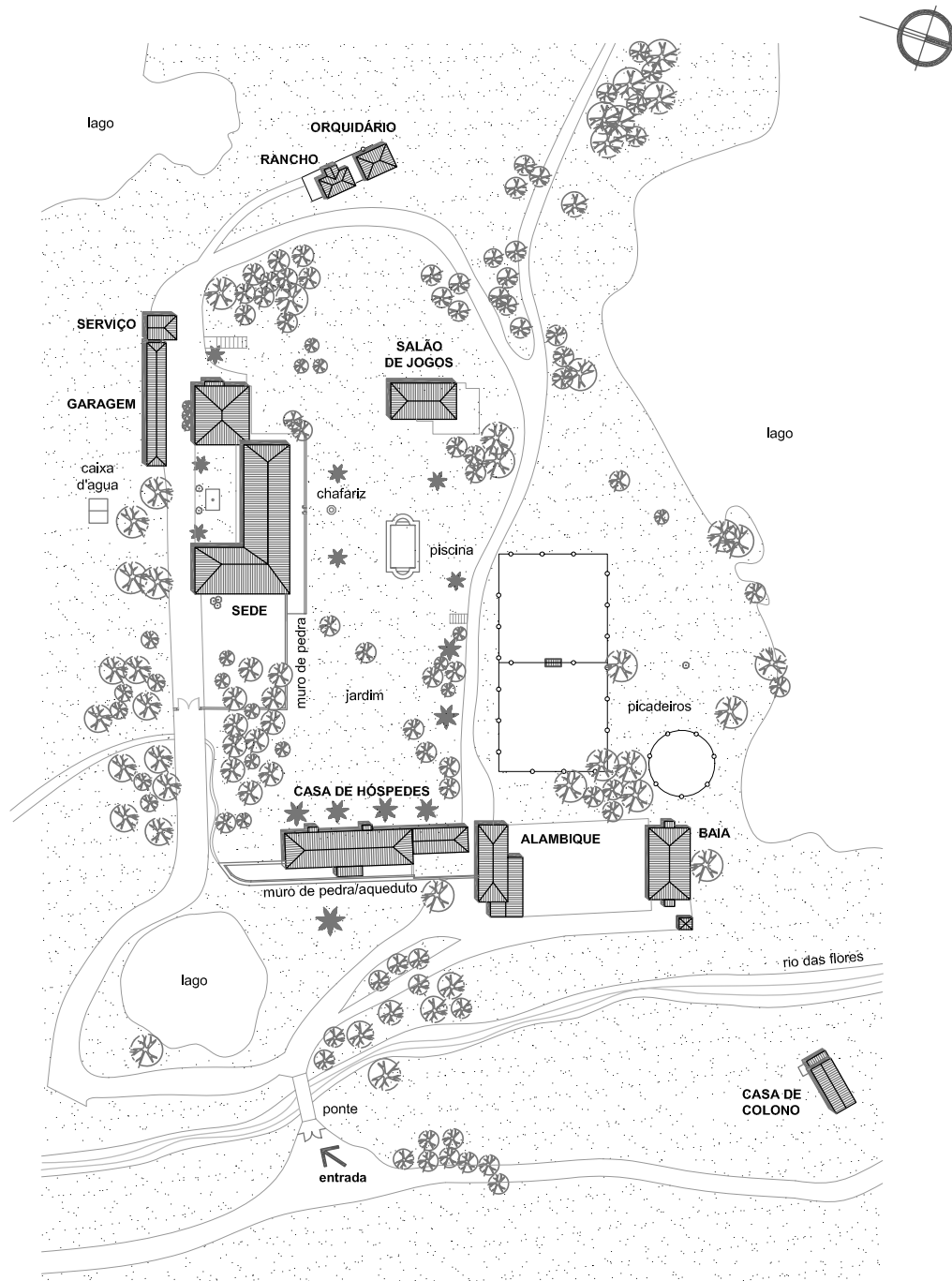


54



55

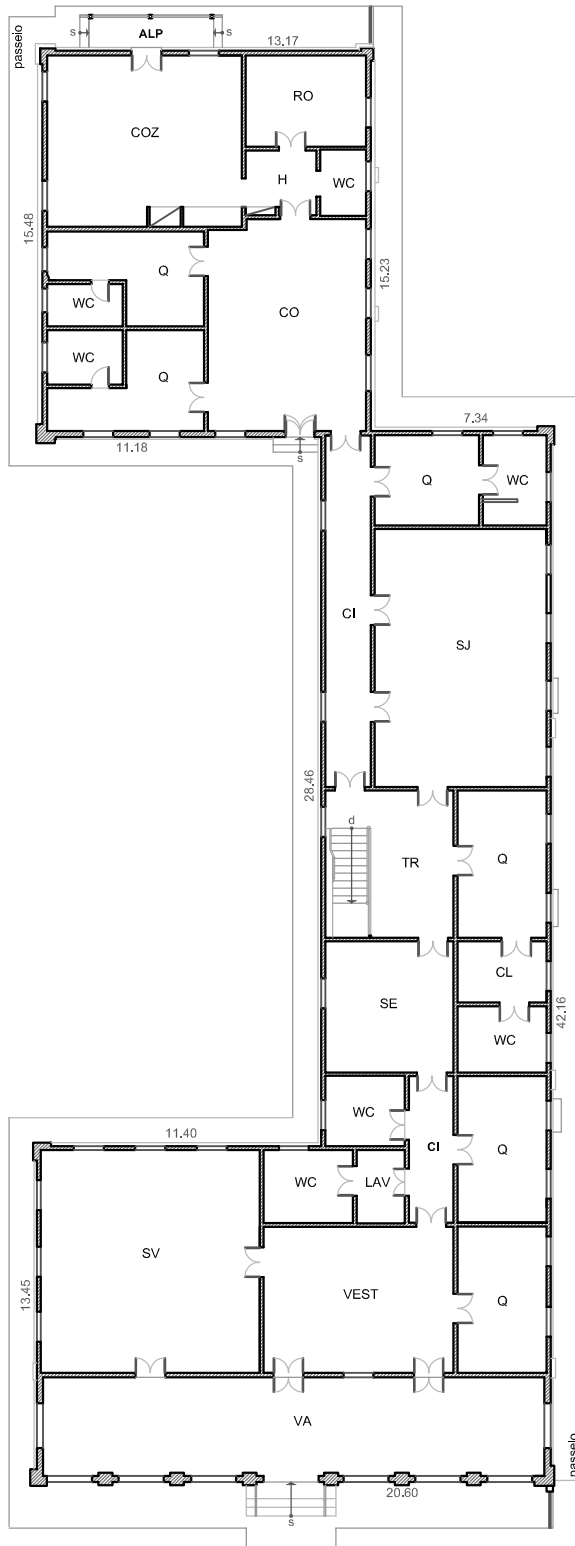
FAZENDA CHACRINHA



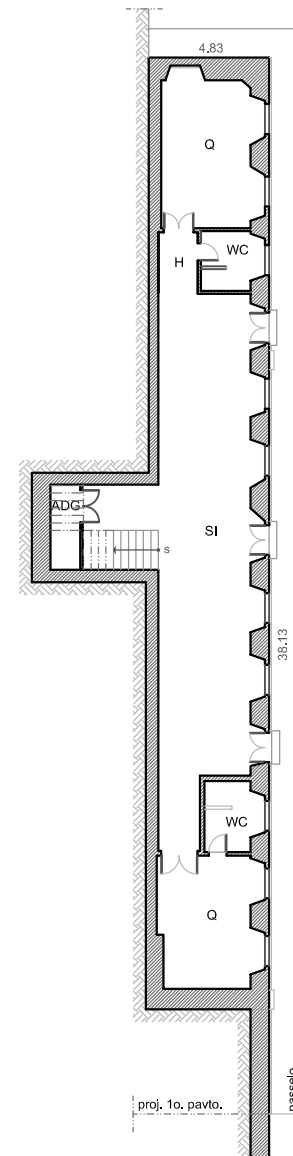
1 Implantação
escala: 1/2000

0 5 10 20 50

FAZENDA CHACRINHA



1 Planta Baixa do 1º Pav. - Sede
escala: 1/300



2 Planta Baixa do Terreo - Sede
escala: 1/300



| | | | | | | |
|-----------------|---------------|--------------|--------------------|---------------------|------------------|---------------------|
| ADG - adega | CL - closet | H - hall | RO - rouparia | SJ - sala de jantar | VA - varanda | alvenaria existente |
| ALP - alpendre | CO - copa | LAV - lavabo | SE - sala de estar | SV - sala de visita | VEST - vestíbulo | alvenaria demolida |
| CI - circulação | COZ - cozinha | Q - quarto | SI - sala íntima | TR - transição | WC - banheiro | |

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F22 - Val

2/2

| | | | |
|---|--|-------------------------------|-------------------|
| equipe: Sonia Mautone Rachid / Jose Roberto Mendes / Marcos Vinícius | desenhista: Marcos Vinícius Silva Gomes | revisão: Francyla Bousquet | data: abr 2009 |
|---|--|-------------------------------|-------------------|

Em 13 de outubro de 1805, o guarda-mor substituto em Rio Preto, Joaquim José dos Santos, requereu a D. Fernando José de Portugal, capitão general de Mar e Terra e Vice-Rei do Estado do Brasil, uma sesmaria de meia légua em quadra, no sertão dos índios Coroados de Valença, às margens do rio das Flores¹. No ano de 1812, o mesmo Joaquim solicita a medição e demarcação de suas terras que, um ano depois, juntam-se à sesmaria de Campo Alegre, adquirida provavelmente do alferes Alexandre Manoel de Lemos, fundador desta². Tudo leva a crer que Manoel Pereira de Souza Barros adquiriu as duas sesmarias de Joaquim José dos Santos em meados da década de 1840, levando algum tempo para estabelecer-se definitivamente com a família nas terras. Durante as décadas de 1850 e 1860, o capitão Souza Barros desenvolveu suas fazendas com lavoura de café. Residindo na Fazenda Campo Alegre, entretanto, não abandonou Chacrinha. Nesta última, que já possuía casa de morada e engenhos construídos por Santos em princípios do século XIX, Souza Barros mantinha engenho de cana, para a produção de aguardente e açúcar, gêneros ainda importantes, inclusive como moeda de troca. Segundo o historiador valenciano, José Leoni Lório, a Fazenda Chacrinha foi reservada ao seu filho homônimo. Emitido na posse, logo em seguida Manoel Pereira de Souza Barros, o filho, casou-se com a prima, D. Rita Arnalda Pereira de Souza Barros, com quem teve 11 filhos, sendo que dez atingiram a idade adulta.

A atual sede da Fazenda Chacrinha, que substitui uma modesta casa de vivenda construída por Santos, começou a ser edificada no final da década de 1860, o que coincide com o retorno de Manoel para a fazenda do pai. A partir do final da década de 1860, o tenente coronel Manoel Pereira de Souza Barros se dedica aos negócios da fazenda em companhia do pai. Participa ativamente da vida social e política da cidade de Valença, porém não se afasta do ambiente social da Corte. Divide o seu tempo entre Valença e a Capital do Império do Brasil, onde transforma a antiga residência de seus pais em um elegante palacete. Nesta ocasião o imponente Solar da Chacrinha ainda está sendo concluído e a produção de café está a todo vapor. Os milhares de arrobas produzidos nas fazendas são frutos dos jovens cafeeiros, plantados nas derrubadas novas que sabiamente seu pai reservou para quando as de Campo Alegre estivessem esgotadas³.

Os investimentos tecnológicos, logísticos e sociais implantados na vida da Fazenda Campo Alegre, por Souza Barros, mesmo depois da morte de seu pai, nos fazem acreditar que ele abandonou o projeto de residir na Chacrinha. A mudança de idéia teria sido a favor do filho mais velho, também chamado Manoel Pereira de Souza Barros, para quando este atingisse a idade adulta e estivesse pronto para gerir os negócios da fazenda. Souza Barros participa ativamente na viabilização da fundação da Companhia Estrada de Ferro União Valenciana. Além de sócio, seria também presidente da Companhia em 1870. Assim, em suas terras fez construir a estação que levou seu nome, "Souza Barros", que tempos depois teve o nome mudado para "Estação de Chacrinha", dando origem ao bairro do mesmo nome. A partir desta estação, construiu uma linha férrea por tração animal, de sete quilômetros, até Campo Alegre. Com a ferrovia, a produção das fazendas e sítios chegava mais rápido aos portos da Corte. Na contramão do café, luxo e progresso. Em 17 de dezembro de 1881, Manoel Pereira de Souza Barros é agraciado com o título de barão de Vista Alegre, coroando o auge de sua ascensão social. O momento histórico coincide com a quase conclusão do luxuoso Solar da Chacrinha, avaliado na época em 30 contos de réis. Para marcar a data, manda colocar uma cartela com as inscrições do ano de 1881 na porta lateral do Solar da Chacrinha.

Além da produção de café, Chacrinha se consolida como importante produtora de aguardente, uma das poucas fazendas com produção em escala comercial.

Vista Alegre herdou do pai 234 escravos e sabe-se que este número aumentou tempos depois⁴. A abolição coincidiu com o mês de café maduro, por isso uma corrida contra o tempo surgiu para muitos fazendeiros. A safra de 1888 estava completamente comprometida, já que muitos haviam vendido o café no pé. Houve uma corrida aos bancos e casas comissárias.

Com a perspectiva de perder tudo que havia conquistado e com a saúde abalada por complicações cardíacas o Barão de Vista Alegre falecia, repentinamente, com a idade de 42 anos, no seu palacete da Rua Conde d'Eu em 08/01/1891. Seus restos mortais foram inumados no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro.

A Fazenda Chacrinha que, estava hipotecada, foi arrematada pelos *Esteves, Irmãos e Cia.*, por 195:295\$000⁵. Sem sabermos do real motivo da dissolução do patrimônio rural dos Esteves, o certo é que estes hipotecaram ao Banco do Brasil as fazendas Chacrinha (05/08/1892), Campo Alegre, Santa Thereza e Vista Alegre, estas duas últimas havidas em execução de uma hipoteca do Visconde de Pimentel, datada de 08/08/1881, no valor de 120 contos de réis⁶.

Levadas novamente a leilão pelo Banco do Brasil, em 1901, as quatro fazendas acima mencionadas são adquiridas pelos irmãos Álvaro e Horácio Mendes de Oliveira Castro. Com os Mendes de Oliveira Castro um novo ciclo se inicia na história dessas fazendas. Álvaro e Horácio eram filhos do primeiro matrimônio de José Mendes de Oliveira Castro, o barão de Oliveira Castro, e Carlota Deolinda de Carvalho Ribeiro. Álvaro era engenheiro civil e trabalhou no projeto da Estrada de Ferro do Corcovado no Rio de Janeiro.

Depois de fechado o negócio, os irmãos Oliveira Castro formaram a sociedade denominada *Companhia Aliança Agrícola*, proprietária das fazendas Santa Thereza, Vista Alegre, Campo Alegre, Caieira, Chacrinha e do Sítio Retiro (Velho) e, aos poucos, os enormes cafezais destas fazendas vão sendo substituídos por pastos, como se sucedeu com todas as fazendas do vale do Paraíba.

Chacrinha passa a ser o ponto de encontro dos Oliveira Castro, que promovem jantares, festas e saraus, sendo que alguns destes momentos memoráveis foram registrados pelas lentes de Octávio Mendes de Oliveira Castro, irmão de Álvaro.

Com o passar dos anos, Álvaro adquire a parte de Horácio na sociedade, tornando-se único proprietário da Companhia e, em 1956, toma a iniciativa de dividir seu patrimônio entre seus cinco filhos. A fazenda Chacrinha, com 40 alqueires de terras e mais a histórica sede, ficou em condomínio entre os cinco filhos. Tempos depois, Fernando, Geraldo e Cecília compram a parte de Maria Eugênia e Roberto no condomínio⁷.

Em 1985, os irmãos Oliveira Castro vendem Chacrinha ao empresário e médico carioca Dr. Pedro Alberto Guimarães, na época um dos diretores do Grupo Monteiro Aranha. Dr. Pedro Alberto Guimarães, um apaixonado por antigas fazendas de café, adquiriu e recuperou da ruína algumas casas históricas, entre elas Santana do Turvo, em Barra Mansa, e São Fernando, em Vassouras. Com Chacrinha não foi diferente, embora seu estado de conservação fosse excelente.

Em agosto de 1987, as obras de restauração foram inauguradas com toda pompa e circunstância, porém Dr. Pedro Alberto ficou pouco tempo com a Fazenda Chacrinha e, em 1996, resolve vendê-la a um casal de advogados cariocas (f56).



Almoço de domingo em família e Recital de canto e piano em família, Chacrinha, 1917.
(foto de Octavio Mendes de O. Castro, acervo Coleção Lúcia Sanson)

¹ Sesmaria de Joaquim José dos Santos - Valença - 1808; 112 fls, Caixa 148. Arquivo Nacional / Rio de Janeiro.

² Sesmaria de Alexandre Manoel de Lemos / caixa 146 / nº 03 – Arquivo Nacional / Rio de Janeiro.

³ Inventário de Manoel Pereira de Souza Barros. Código de Fundo: 3J Seção de Guarda: CODES SDJ / caixa: 18. Ano: 1872, Juízo da 1ª Vara Cível / Arquivo Nacional / Rio de Janeiro.

⁴ Idem.

⁵ Inventário do Barão de Vista Alegre - 1891 / caixas 23, 24 e 25 / APJ. Museu da Justiça / Rio de Janeiro.

⁶ Escritura de empréstimo à juros com obrigações de hipoteca que ao Banco do Brasil fazem Esteves Irmãos & Companhia. Fazenda Chacrinha. Cartório do 30º Ofício de Notas, Lv. 467, Fls. 23-24v 05/08/1892. Microfilme: 010.64-79. Arquivo Nacional / Rio de Janeiro.

⁷ Dados passado por D. Regina Maraes da Costa, Neta de Álvaro Mendes de Oliveira Castro, em novembro de 2008.